

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS  
HUMANAS.

Flávio Miguel da Costa

**MITOS E SÍMBOLOS RELIGIOSOS NO CARNAVAL CARIOCA: O desfile da Beija-Flor em  
2018.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em  
Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de  
Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de  
Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).

Orientador: Emerson José Sena da Silveira

Juiz de Fora

2023

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO.

Eu, Flávio Miguel da Costa, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201573207A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso MITOS E SÍMBOLOS RELIGIOSOS NO CARNAVAL CARIOCA: O desfile da Beija-Flor em 2018, desenvolvido durante o período de 09/2022 a 01/2023 sob a orientação de Emerson José Sena da Silveira, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho. Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais. Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 11 de janeiro de 2023.

---

Flávio Miguel da Costa

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de (  ) 1 ano, ou (  ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

**OBSERVAÇÃO:** esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# MITOS E SÍMBOLOS RELIGIOSOS NO CARNAVAL CARIOCA: O desfile da Beija-Flor em 2018.

Flávio Miguel da Costa<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo, estudarei o carnaval, uma das maiores festas do mundo. Possuidor de energia, cores, corpos, crítica sociais, cores ou/e pela energia, em que a religião aparece como tema fundamental. Por isso, a questão norteadora é como os símbolos religiosos aparecem no carnaval, mais especificamente no desfile carioca de 2018. Os símbolos religiosos assumem aspectos subversivos que os fazem dialogar com problemas sociais e questões existenciais. A hipótese do trabalho destaca que o carnaval é uma forma simbólica de crítica e expressão social da religião. Para isso, a metodologia abordada é a qualitativa, combinando revisão parcial de bibliografia com uso de fontes secundárias - reportagens e fotos do desfile da Beija-Flor em 2018. Busquei, portanto, analisar a relação entre carnaval, religião, cultura e sociedade, sendo percebido que essa relação se mistura, interrelacionam e se interpõem.

**Palavras-chave:** Carnaval. Religião. Beija-Flor.

## 1. INTRODUÇÃO

O carnaval é uma das maiores festas do mundo e possui uma abrangência em escala mundial: seja pelas cores ou/e pela energia que se manifestam nos desfiles, seja por, em alguns casos, seu caráter religioso, amplo e complexo, e principalmente pelo sincretismo que ele apresenta.

Por esse motivo, estudar o carnaval e seus símbolos religiosos se torna tão fascinante, visto a importância como forma de compreender seus aspectos do mundo real que assume, além das festividades, também o teor de ser um importante aparato de crítica social e o fortalecimento de uma ancestralidade e seu diálogo com a sociedade e todas as suas nuances.

O objetivo deste artigo é analisar historicamente o modo que as narrativas religiosas e seus símbolos aparecem no carnaval e nos desfiles das escolas de samba, buscando também apreender como os diálogos interrelacionam e se interpõem entre o carnaval, religião, cultura e sociedade. Por conta da vastidão desse tema, busca-se analisar o carnaval do Rio de Janeiro, partindo de uma concepção histórica, até os dias atuais, tendo como recorte o desfile da Beija Flor de Nilópolis de 2018.

A metodologia utilizada, é a qualitativa, combinando revisão parcial de bibliografia com uso de fontes secundárias, com a finalidade de construir um aporte teórico que dê base de sustentação para todo texto, com reportagens e fotos do desfile da Beija-Flor de 2018, para fazer a discussão do estudo de caso proposto pelo trabalho.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: flaviocostamiguel@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Emerson José Sena da Silveira.

Portanto, o carnaval e seus símbolos refletem problemáticas da sociedade, que são retratados em seus desfiles, sendo feitas de modo simples, crítico e muitas vezes cômico, algo que tem criado uma forte tensão com as religiões hegemônicas no Brasil. Assim sendo, o carnaval revela uma gama de formas de expressões tanto no carnaval de rua, como no desfile das escolas de samba e, em muitos dos casos, tendo um caráter religioso, amplo, complexo e presente de tensões.

Este artigo, está dividido em três seções, na primeira, intitulada de “o carnaval e a religião: histórias e contextualização geral” tem como objetivo analisar as transformações e mudanças que o carnaval sofreu durante a história e sua relação com a religião. Na segunda seção, intitulada de “A estrutura do carnaval: ritual, desfile e samba” tem como objetivo discutir os três elementos principais que rege a festividade na atualidade, buscando discutir a relação de ambos com fatores sociais.

A última seção, intitulada de “Quando a religião entra no samba enredo e no desfile”, busca-se discutir a entrada da religião no samba enredo e no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, trazendo exemplos diversos dessa relação, que é marcado por tensões sociais, principalmente sob a ótica das religiões hegemônicas. Nesta seção, abordaremos como objeto de análise o desfile de 2018 da Beija Flor de Nilópolis, com o enredo "Monstro é aquele que não sabe amar. Os filhos abandonados da pátria que os pariu".

Os resultados obtidos deste artigo, demonstram uma grande representação religiosa nos desfiles das escolas de samba no Rio de Janeiro. Sendo marcado por momentos de grande tensão, de modo mais visível na perspectiva tradicional da Igreja católica, que através de repreensões e censura, chegou ao ato de proibir passagem de alguns carros alegóricos com representações religiosas. Já em outros momentos essa interferência não é tão grande, como o caso do desfile de 2018 da Beija Flor de Nilópolis, que fica evidente a crítica social apresentada em seu desfile.

## **2. O CARNAVAL E A RELIGIÃO: HISTÓRIAS E CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL.**

Segundo Oliveira, (2012), vários historiadores relatam que não é possível estabelecer precisamente a origem do carnaval, porém, parte de uma concepção que sua origem está atrelada aos cultos agrários, às festas egípcias e, mais tarde ao culto a Dionísio, ritual que acontecia na Grécia, entre os anos 605 e 527 a.C, demonstrando assim uma primeira relação com a religião.

Portanto, tanto na Grécia e Roma antiga, as festas eram marcadas por divertimentos públicos, bailes de máscaras e manifestações folclóricas. Oliveira, (2012, pg. 64-65), traz que essas festas possuíam um carro que carregava um imenso barril que servia vinho ao povo, conhecido como Carrus Novalis. “Eram, festas populares conhecidas como dionísicas (Grécia), saturnais e lupercais (Roma) onde a alegria desabrida, a eliminação da censura e da repressão, possibilitava uma liberdade de atitudes críticas e eróticas”.

Nota-se então uma presença religiosa em torno das festas carnavalescas como mostrado anteriormente. Posteriormente o formato que era adotado pelos povos antigos é colocado pelo mundo católico, possuindo modificações, porém, mantendo seus traços característicos como a dança e os disfarces. Oliveira, (2012, pg.65) traz, que “no mundo cristão medieval correspondia ao período das festas profanas que se iniciava geralmente no dia de Reis se estendendo até a quarta-feira de cinzas, dia que começavam os jejuns da quaresma”.

Posto isso, o autor continua dizendo que as origens do carnaval são imprecisas, porém, é possível afirmar que embora em sua essência a festa mantivesse suas características, como a alegria, a dança e a música, na sua forma iriam sofrer várias modificações ao longo do tempo, sendo possível notar uma adaptação às características de cada momento histórico da sociedade.

No mundo cristão medieval, houve uma revolução nos conceitos e nas práticas corporais, a quaresma e o carnaval consolidaram como uma dinâmica ocidental, que moldou características presentes no nosso cotidiano atualmente (LE GOFF; TRUONG, 2006).

O cristianismo influenciou diretamente o carnaval desde a Idade Média europeia, ligado diretamente com o período que a igreja Católica celebra a quaresma. Soihet, (1999), enfatiza que mesmo com a forte presença do cristianismo, não impediu a presença de muitas festas de origem pagã, criou-se um contraste intrigante entre os valores pagãos e os cristãos no carnaval.

A partir dessa dualidade, entre os valores pagãos e os cristãos, Soihet (1999), nota uma exterioridade dos ritos em relação à Igreja e à religião. Era característico nas formas carnavalescas na Idade Média, uma verdadeira paródia do culto religioso, fato este que se aproximava dos carnavais populares. Vaz e Prates, (2016), trazem que no início a Igreja permitia as paródias, com principal intuito de suavizar e aliviar ressentimentos, aceitando como uma festa necessária para aclamar tensões.

Já no período final da Idade Média, a Igreja mudou sua concepção, endurecendo as medidas com discurso de respeito a estas celebrações e para restaurar seu poder junto aos fiéis, cabe ressaltar que neste período já se instalaram as monarquias, com a presença do conservadorismo da contrarreforma que tentou terminar com estes ritos pagão-cristãos (VAZ; PRATES, 2016).

A Idade Média teve grande contribuição no desenvolvimento do carnaval, influenciou várias modificações neste festejo, que se mantiveram e se mantém ao longo do tempo, podendo citar as paródias, desfiles de máscaras, assim como a tentativa da Igreja de cristianizar a manifestação popular, fato que teve grande impacto na consolidação do carnaval no Brasil, principalmente pelo choque com as culturas negras e indígenas.

Com a forte presença cristã o carnaval começa a ser celebrado em várias regiões da Europa a partir do século XI. Principalmente na Espanha e em Portugal, acontecia o costume no festejo de “pegar

peças”, que ficou conhecido como entrudo<sup>2</sup>. Ambos os países colonizadores implementaram este hábito nos países da América Latina a partir do século XVI. (OLIVEIRA, 2012).

O carnaval é introduzido no Brasil pelos portugueses no século XVI. Eles implementaram seus costumes carnavalescos, tendo como principal celebrar o entrudo. Silva, (2022), complementa que nessa brincadeira se misturava multidões, percebia o encontro de gêneros, raças e classes por toda a cidade, por esse motivo despertava a atenção das autoridades, que tentavam conter os avanços desses grupos pela cidade.

A repressão das autoridades se dava pela presença da população pobre e principalmente pela presença negra, que eram maioria na comemoração do entrudo, que se caracterizou como sendo popular, neste período o Brasil ainda se constituído dentro do sistema escravista, sendo assim, o entrudo era um dos poucos momentos de descontração da população negra.

O entrudo se manteve presente no carnaval brasileiro até metade do século XIX, quando pela forte repreensão passa a ser proibido em várias regiões do país. Com isso o carnaval começa a sofrer um processo de transformação, causada principalmente pela presença das famílias aristocráticas como participantes ativos na festa, adotaram uma grande novidade que se constituía dos bailes de máscaras inspirados no carnaval veneziano. (SILVA, 2012).

Arelado ao fim do entrudo, cria-se um novo elemento para o carnaval, chamado Zé Pereira<sup>3</sup>, que abarcava a massas populares do país, porém rapidamente sofreu com as altas repressões, demonstrando assim, a busca por elitizar o carnaval e afastar as camadas populares.

Segundo Silva, (2022), após a independência em 1822, a aristocracia passou a estimular formas mais elegantes para o carnaval, espelhavam principalmente na burguesia francesa que realizava refinados bailes de máscaras. (Oliveira, 2012, pg. 67), dirá, que a partir de meados do século XIX, que essas mudanças ficam mais evidentes, principalmente pela substituição do tradicional “carnaval ibérico” chamado “entrudo” pelo “carnaval Veneziano”, que seria chamado mais tarde de “grande carnaval” e depois apenas “carnaval”. Portanto o autor conclui que essas mudanças, foram consequências da maior participação das famílias tradicionais patriarcais diretamente aos folguedos de Momo, principalmente através dos bailes de máscaras, como vinha acontecendo na Europa.

As famílias tradicionais da alta sociedade carioca dominam a construção do carnaval durante esse período, tinham como objetivo construir o carnaval sem se misturar com as massas populares. Porém mesmo com essa tentativa de elitização, segundo Silva, (2022), é inegável a influência das massas populares para as festividades coletivas, principalmente na virada do século XIX para o XX, Jaguaribe,

---

<sup>2</sup> A brincadeira do entrudo se consistia na prática de jogar água ou pó uns nos outros e em alguns casos lama e até excrementos.

<sup>3</sup> A figura do Zé Pereira que iria surgir em 1846 se constituía em um personagem que saía pelas ruas batendo um bumbo descompassado e sua prática difundiu-se rapidamente entre as camadas populares. (OLIVEIRA, 2012).

(2014), vai dizer que as classes populares estavam presentes participando de cucumbis<sup>4</sup> e também desfilavam nos ranchos, que eram o primórdio das escolas de samba da versão moderna.

Durante o final do século XIX, segundo Olivera, (2012), surge outro elemento crucial para o carnaval brasileiro: as “Sociedades Carnavalescas” que tiveram em sua criação uma forte demanda popular, pois lutavam pelas liberdades democráticas, eram abolicionistas, republicanos, assim como apoiavam as comunidades e as grandes causas políticas. As Sociedades Carnavalescas marcam a história do carnaval, pois com elas, se instauram o chamado carnaval-desfile com presença dos carros alegóricos.

Outro marco nesse período é a criação do rancho, como aponta Oliveira, (2012, P.69) os ranchos tinham como características possuírem uma presença solidária de seus participantes. Os ranchos influenciaram mais tarde os blocos de carnaval e os desfiles das Escolas de Samba, principalmente por suas características marcantes como as seguintes: “cores, símbolos, fantasias de luxo, esplendores, mestre sala e porta estandarte, divisão em alas, enredo, dentre outras, foram aproveitadas, mais tarde, tanto pelos blocos como pelas Escolas de Samba. ”

Após muitas mudanças históricas, atualmente, um desfile de escola de samba carioca, possuem os seguintes elementos principais: a comissão de frente, as alas clássicas como as baianas e alas de fantasias ligados ao tema do carnaval, posteriormente temos o Mestre-sala e Porta-bandeira, bateria, sambistas cantores, o samba-enredo, passistas e carros alegóricos.

Andrade, (1990) enfatiza que na entrada do Século XX, principalmente pós 1930, o carnaval e a cidade do Rio de Janeiro ganham uma grande visibilidade midiática, ganhando propagandas comerciais visando principalmente o público internacional, com isso criando uma relação sinonímica entre carnaval e a cidade do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que em 1932, como traz o Silva, (2022), foi quando o governo provisório presidido por Getúlio Vargas, o Carnaval passa a ter apoio oficial do Estado.

O carnaval se fixa sendo uma grande festividade nacional, que iria se desenvolver, criar e transformar elementos carnavalescos com o passar dos anos, destacando dois principais, o samba e os desfiles das escolas de samba.

A partir desses novos elementos foi possível incorporar as religiosidades de uma forma mais visível, notando um sincretismo, principalmente entre as religiões de matriz africana e a católica, que tradicionalmente já eram presentes, principalmente pela fixação oficial da festa no calendário cristão romano no período anterior à Quaresma.

Com a legalização dos espaços religiosos de matriz africana no Brasil, o samba começou a alcançar outros espaços, pois desde a sua origem ele misturou música religiosa e profana. À vista disso, o samba e a religiosidade sempre estiveram muito ligados, principalmente pela presença da população negra, que neste momento já estavam libertos do sistema de escravização. (ROCHA; SILVA, 2013).

É em 1930, que segundo Rocha e Silva, (2013), o samba-enredo entra como peça fundamental no carnaval do Rio de Janeiro, dando mais vida para os desfiles. O samba enredo passa por várias

---

<sup>4</sup> “Conjuntos de foliões que tocavam instrumentos de origem africana nos cordões compostos por multidões de foliões pobres com fantasias caseiras e instrumentos”. (JAGUARIBE, 2013, pg.9).

modificações durante o restante do século XX, porém uma característica que se manteve foi de apresentar através das suas letras temas da nossa sociedade.

Desta forma, o samba enredo e os desfiles trazem as temáticas religiosas brasileiras. O sagrado está presente no cotidiano da cultura brasileira, sendo um aspecto relevante da cultura nacional e um aspecto relevante de nosso patrimônio histórico. Apresentando-se, assim, a pluralidade das matizes indígenas, europeias cristãs e africanas.

O carnaval brasileiro, e aqui analisado o carioca, traz em seus enredos a presença da religiosidade no plural, pois como aponta Boechat, (2020, pg. 888), as escolas de samba do carnaval carioca “tem utilizados de símbolos religiosos, a depender dos enredos, a fim de construir narrativas, representar de forma imagética e alegórica entidades e personalidades de diferentes matizes religiosas, contar e fazer história”.

Nos últimos anos, variadas foram as formas de representação de elementos religiosos na Marques de Sapucaí, fato que vamos analisar mais profundamente nos próximos capítulos.

### **3. A ESTRUTURA DO CARNAVAL: RITUAL, DESFILE E SAMBA.**

O carnaval é constituído por vários elementos, que fazem parte do seu contexto histórico de formação, que foram transformados e desenvolvidos até chegarmos ao que se entende por carnaval na atualidade brasileira. Sendo assim, o carnaval no Brasil possui em sua estrutura três elementos principais: ritual, desfile e samba.

Os itens relacionados acima que é destacado, possuem características próprias, que é destacado de modo individual, porém, ao estarem juntamente contextualizadas insere uma peculiaridade que faz dele algo tão único e belo. Sendo assim, o entendimento destes elementos se torna algo tão salutar para se analisar o fenômeno cultural do carnaval no Brasil.

Para Da Matta (1979), a sociedade pode ser explicada por seus mitos e rituais. Eles constituem um drama social, no Brasil, é percebido três grandes momentos desse drama ritualizado: os grandes rituais que chamamos Carnaval, Procissões (Semana Santa) e Paradas Cívico-Militares (7 de setembro). Apesar de possuírem em comum uma estruturação ritual, cada evento nacional possui características próprias. No aspecto comum podemos salientar que, eles possuem o rito, que é uma especial de reforço simbólico de signos que se encontram na vida cotidiana e social.

Há sentidos e significados bem diferentes e muito mais carregados, assim como deboche, devoção religiosa e disciplina estão presentes na vida social do dia a dia, mas no Carnaval, nas Procissões da Semana Santa e na Parada de 7 de setembro, são ritualizados, seus sentidos se tornam bem mais enfatizados e ressignificados.

No Carnaval temos as inversões das hierarquias sociais e de gênero: homens passam a se vestir de mulher, pobres se vestem como reis, e a religião é objeto de crítica, escárnio ou deboche. Nas procissões e nas paradas militares, ao contrário, é a ordem que prevalece, com filas, hierarquias, roupas codificadas



que exaltam os símbolos religiosos e os símbolos pátrios. Os ritos são situações que surgem sob a égide e o controle do sistema social, ou seja, todas as camadas sociais podem ser vistas como capazes de gerar ritos, pois o mundo social é fundado em “conversões e símbolos”, portanto, todas as ações sociais são efetivamente consideradas atos rituais ou passivelmente de uma ritualização. (DA MATTA, 1997, pg.72).

Em todos esses três grandes eventos, segundo Da Matta (1979), os rituais lidam com mitos e símbolos em comum, mas com sentidos muito diferentes. Num desfile militar, em uma procissão religiosa e em um desfile de escola de samba, há uma certa ordem de coisas e estados. No desfile Militar, se enfatiza a disciplina rígida, os uniformes que gradam as hierarquias, do soldado ao general, ou seja, como rito destinado a celebrar a relação do Estado com o povo. Temos as procissões que focalizam as relações dos homens com Deus através da Igreja.

Por outro lado, temos o desfile do carnaval, que faz o povo ser ao mesmo tempo espectador e ator, sendo externado e tendo uma catarse através das alas e carros alegóricos, que possuem fronteiras nítidas, a formas como entram no palco do desfile, a troca e a substituição dos uniformes<sup>5</sup> pelas fantasias, que traz sentidos bem distintos, que segundo Da Matta, (1984, pg.50), nos permite que possamos demonstrar tudo o que queríamos, mas que a “vida” não permitiu. O autor traz que o uniforme achata, ordena e hierarquiza as relações. “A fantasia liberta, desconstrói, abre caminho e promove a passagem para outros lugares e espaços sociais. Ela permite e ajuda o livre trânsito das pessoas por dentro de um espaço social que o mundo cotidiano torna proibitivo com as repressões da hierarquia e dos preconceitos estabelecidos”.

O ritual tem como característica privilegiar o indivíduo em sua totalidade, notando-se uma dualidade ao que diz respeito a representação, busca-se fazer uma representação igualitária em oposição a representação do indivíduo como ser social em uma sociedade desigual (CAVALCANTI, 1979). Da Matta, (1984, pg.59), complementa, que em todos os casos, a sociedade vai celebrar o que certamente considera fundamental para sua estrutura social, que no caso brasileiro, para cada instituição importante, existe um lugar e uma forma dramática de apresentação ritual. Portanto, para o autor, existe uma fórmula muito simplificada: “o Estado com seu poder visitando o povo; Deus e os seus santos saindo da esfera sagrada para também visitarem o mundo profano; e o povo apresentando-se a si mesmo como alegre, forte, galante, elegante e luxuoso nos desfiles carnavalescos. Nada me parece mais funcional que essa forma de vivenciar os valores”.

Para Da Matta, (1997), o carnaval é classificado como ritual nacional. Para o autor a festividade é fundada em ritos que possibilitam dramatizar valores globais, críticos presentes em nossa sociedade. O ritual nacional tem força de atingir as várias camadas sociais, variadas localidades, no qual o carnaval é o “evento centralizador”, exercendo uma mudança radical do cotidiano da população, sendo nítido um

---

<sup>5</sup> “Sabemos que o uniforme (como todas as vestes formais do mundo diário) cria a ordem. O uniforme é uma roupa que “uniformiza”, isto é, faz com que todos fiquem iguais, sujeitos a uma mesma ordenação ou princípio de governo” (DA MATTA, 1986, pg.50).

“abandono ou esquecimento do trabalho”, sendo o carnaval considerado feriado nacional. (DA MATTA, 1997, pg.46).

O ritual não possui algo de especial em relação ao cotidiano, como dito anteriormente, as relações do cotidiano têm papel importante na construção dos ritos, ou seja, os elementos que compõem nosso cotidiano estão no carnaval. Sendo assim, aspectos do cotidiano ganham novos arranjos e sentido, podendo dizer que o ritual cria inversões simbólicas, como por exemplo os corpos masculinos, que socialmente são vistos como másculos, passam no carnaval a ser “mais afeminados” e reproduzindo traços “femininos”. Esse fenômeno também pode ser visto na religião sendo retratada de forma crítica e cômica no carnaval.

O carnaval sendo uma festividade atrelada a religião, Da Matta (1997, pg.83) ancorado no trabalho de Leach (1954), dirá que o ritual é um aspecto das relações sociais, acrescenta ainda que, a partir dessa concepção o rito se apresenta sendo uma técnica importante para “a mudança de posição da pessoa moral do profano para o sagrado ou do sagrado ao profano”.

O carnaval se apresenta sendo fruto das relações sociais, sendo exposta em suas várias estruturas e elementos, segundo Cavalcanti, (1979), essas relações fundem o mundo da fantasia ao mundo do real, ou seja, integrando o mundo social e o mundo do samba. Para o autor através dessa integração é propiciado uma relação de “inversão e compensação” de papéis entre eles, o mundo do samba está mais identificado com as camadas da sociedade mais subalternizadas, logo ocupariam uma posição de destaque.

O mundo do samba, como bem destaca Cavalcanti, (1979), é estruturado e hierarquizado, nessa relação o mundo do samba é tomado como sendo reflexo social, reproduzindo as dualidades e desigualdades entre as camadas com um maior prestígio social e as camadas subalternas, que estão presentes na sociedade mais ampla.

A população subalternizada e aqui em grande maioria sendo negra, traz através do samba uma nova roupagem para carnaval, cabe ressaltar que o samba surge nos terreiros de religiões de matrizes africanas. Segundo Amaral e Silva, (2006, pg. 191-192) “no caso do samba, bom exemplo por sua relevância e presença como um dos elementos constitutivos do gosto nacional e da identidade brasileira, sabe-se que sua origem está ligada à religiosidade dos grupos bantu trazidos para o Brasil”. Os autores complementam, que esse ritmo era tocado em terreiros de candomblé, e posteriormente, na umbanda, ou seja, a partir dessa relação, o samba constitui sendo elemento de identidade de ambas as religiões. Neste sentido, os autores concluem que “sendo música religiosa, o samba enredou-se, apesar disso, nos espaços profanos, num intenso fluxo de trocas simbólicas entre as religiões afro-brasileiras e a sociedade.”

Cabe ressaltar que o samba sofreu grande perseguição, principalmente do Estado, fato que ocorreu por sua relação íntima com a cultura afro-brasileira, portanto como trazem Rocha e Silva, (2013), através da legalização das casas onde ocorriam as celebrações das religiões de matrizes Africanas, foi possível através de brechas na lei de consolidar o samba fora dessas casas, pois a fiscalização policial não sabia distinguir música religiosa com profana.

Neste contexto o samba é incorporado ao carnaval, principalmente atrelado as escolas de samba, através dos sambas de enredo. Rocha e Silva, (2013), vão dizer que inicialmente a participação do samba, se dava principalmente pelo gosto pessoal dos compositores, pois ainda não existia temáticas previamente estabelecidas para o desfile (visto que o primeiro desfile se realizou em 7 de fevereiro de 1932). Sendo assim, o samba que conseguisse ganhar o gosto popular, o mais cantado era utilizado nos desfiles.

Cabe ressaltar que no Carnaval do Rio de Janeiro o surgimento das escolas de samba data de 1920, o primeiro desfile foi realizado em 1932. Durante esse período é marcado por outras expressões carnavalescas que eram tradicionais na cidade, como os bailes populares, batalhas de cheiro, o Rancho que na época tinha mais prestígio que as Escolas de Samba, entre outras.

As Escolas de Samba no Rio de Janeiro, são advindas dos blocos carnavalescos da cidade, para Oliveira, (2012), esse movimento influenciou no sentido de pertencimento de determinadas escolas com seus bairros, algo muito comum nos blocos populares deste período, assim, foram criadas várias escolas destacando Mangueira e Portela.

Os desfiles e os sambas cantados muitas vezes eram desconectados, fato que muda com a implementação no Estado Novo da obrigatoriedade de temas nacionais para os desfiles das escolas de samba. Oliveira, (2012) enfatiza que após a ditadura do estado novo e da chamada redemocratização com a implantação da República Populista (1945/6 a 1964), a obrigatoriedade de temas nacionais se manteve, tendo fim a partir de 1986, pela coordenação da Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA) foi aceito apresentar temas não nacionais, prática existente deste o Estado Novo.

Assim, com o passar dos anos, cada vez mais os desfiles ficam mais produzidos, de acordo com Cavalcanti (2002), com a adoção das temáticas, essas cantadas nos sambas e expressas nas linguagens plástica e visual das fantasias e alegorias, cria-se assim elementos que confeccionam o desfile. Esse processo foi importante pois a cada ano que passa foi reunindo mais pessoas, alcançando a plenitude do rito, colocando a cidade do toda em celebração. Cavalcanti, (2002, pg. 40) complementa que os desfiles foram importantes no desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, "o desfile propiciou à cidade um canal de expressão e mediação de processos sociológicos importantes tais como a expansão da cidade rumo à periferia, a expansão das camadas médias e populares e sua interação".

O carnaval tem grande importância no desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Como dito anteriormente, os desfiles das escolas de samba marcam visualmente na paisagem o carnaval do sambódromo, com cores e vários temas, neste conjunto de possibilidades aparecem as temáticas religiosas nos desfiles, essas são cantadas nos samba enredo e apresentadas nos desfiles, fato que abordaremos no próximo capítulo.

A crítica à religião nos desfiles é representada de forma leve, às vezes sendo objeto de ironias, sacarmos, entre outras leituras, fato parecido com o que era feito no entrudo. Esta crítica, contudo, ocorre em todos os espaços do carnaval, porém é nos desfiles das escolas de samba que fica mais evidente.

#### 4. QUANDO A RELIGIÃO ENTRA NO SAMBA ENREDO E NO DESFILE.

De acordo com pesquisas recentes, como Datafolha (2021), IBGE (2020) entre outras, vem demonstrando que apesar do crescente número de pessoas que não possuem religião (10% da população), o Brasil ainda é um país que se configura sendo muito religioso, possuindo em sua maioria populacional de católicos (representando 50%), seguidos de evangélicos (31%) e o restante da população está dividida em: Espírita (3%), Umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras (2%) e outras (2%).

A religião está presente em várias esferas sociais do cotidiano do povo brasileiro, podendo destacar na política, com a bancada evangélica, no esporte, como é o caso do futebol e no objeto de estudo desse trabalho que é o carnaval. Cabe ressaltar, que no Brasil, existe uma hegemonia religiosa, o cristianismo que representa mais 80% do povo brasileiro, ou seja, através de duas vertentes (catolicismo e os evangélicos) detém uma grande influência no cotidiano do povo brasileiro.

A religião também é reflexo da sociedade, ou seja, problemáticas sociais como classe e raça por exemplo estão presente na religião, podendo perceber uma valorização maior de determinadas religiões em detrimento de outras, sendo expresso através de intolerância religiosa e racismo, principalmente com religiões de matriz africana.

A religião, que principalmente a partir do século XX, começa a aparecer no carnaval através de piadas, críticas e brincadeira, passa a ganhar uma conotação diferente, principalmente com os desfiles de escolas de samba, que através dos aspectos visuais ficou mais nítido essa presença. Por diversos motivos essa relação não é harmoniosa, podendo citar, intolerância religiosa, a forma leve e descontraída que as escolas levam os desfiles para o sambódromo, que incomoda alas religiosas, censura da igreja católica e até a visão principalmente dos evangélicos sobre o carnaval, que é visto como uma “festividade mundana”.

As religiões hegemônicas, através de sua estrutura oficial, se sentiram e ainda sentem ofendidas com a forma que são retratadas no carnaval, fato explicado pela forma cômica, crítica que são retratadas nos desfiles. Fica nítido a grandes interferências dessas religiões em vários desfiles e anos diferentes.

Nesta perspectiva, nota-se que no carnaval do Rio de Janeiro é marcado por representações religiosas em seus desfiles, sendo percebido momentos de tensões, no qual marcou o carnaval do Rio de Janeiro. Para Menezes e Bártolo, (2019), essas tensões são marcadas principalmente pelos princípios de carnavalização, como o lúdico, o jocoso e o grotesco, que podem estar presentes na festa religiosa, numa permanente tensão e redefinição não apenas de fronteiras, porém de modalidades de relação entre sagrado e profano. Conseqüentemente é possível citar vários desfiles das escolas, nas quais vamos abordar as mais marcantes a seguir:

Um dos primeiros desfiles a levar a religião como temática para o sambódromo, foi da escola de samba Beijar Flor de Nilópolis, em 1978 com o título: “A lenda da criação do mundo na tradição Nagô”, o

enredo do desfile era voltado para uma valorização das divindades negras, sendo conhecido por levar a Gênese da tradição negra para o sambódromo. Esse desfile rendeu o tricampeonato para a escola.

A pequena escola de samba Unidos da Ponte, em 1984 teve como título “oferendas”, o enredo era sobre as oferendas oferecidas para os Orixás, sendo totalmente uma temática das religiões de matrizes africanas, mesmo sendo marcante a escola não obteve uma boa colocação.

Ainda na década de 1980, exatamente no carnaval de 1989, a Beijar Flor de Nilópolis com o enredo intitulado “Ratos e Urubus, Larguem a Minha Fantasia”, teve o que provavelmente é um dos desfiles mais marcantes da história dos carnavais. O desfile como aponta Rodrigues e Rabelo, (2019), prometia desfilar com uma réplica do Cristo Redentor vestido de mendigo, algo que foi fortemente criticado por jornais e a Igreja Católica na época.

Como é visto em Maia, (2010), a igreja foi contra o uso da réplica do Cristo Redentor e outras imagens sacras no desfile e com isso, recorreu à Justiça para que tais fossem retiradas do desfile. Por conseguinte, após a justiça proibir o uso das imagens, a escola de samba, como mostra a figura 1, desfilou com a uma réplica do Cristo Redentor coberta com um plástico preto, fato que ficou marcado na histórica dos desfiles das escolas de samba no Brasil, demonstrando uma censura da Igreja através da grande influência que ela exercia nesta época.

**Figura 1. A réplica do Cristo Redentor coberta com um plástico preto.**



Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/ha-30-anos-beija-flor-revolucionava-carnaval-com-ratos-urubus-23434100>.

1989.

A tensão entre as escolas de samba e a Igreja católica se deu durante a década de 1990, tendo como principal alvo dois desfiles. O primeiro aconteceu em 1994, quando a Grande Rio levou para o

sambódromo o enredo “Os Santos Que a África Não Viu”, pelo nome fica nítido uma forte presença das religiões de matrizes africanas, no desfile em questão foi bordado a história da Umbanda. Damascena, (2022), dirá que houve grande repercussão do enredo dentro na Igreja Católica, que membros na igreja foram até as localidades da escola para averiguação, porém não encontraram motivo para barrar o desfile. O segundo momento foi em 1995, com a Mocidade. Neste ano, o enredo da escola intitulado “Padre Miguel, Olhai Por Nós”, foi abordado temas da religiosidade brasileira, incluindo o catolicismo. A Igreja não teve papel ativo no desfile, a escola obteve a quarta colocação.

Na virada do século XX para o XXI, nota-se nas primeiras décadas que houve um aumento significativo dos enredos voltados para a religião, percebendo uma forte presença de temas relacionados com o cristianismo e religiões de matrizes africanas. Esse aumento não impediu a forte repressão da igreja católica, sendo vista novas censuras em desfiles neste período. Em 2000, no desfile da Unidos da Tijuca, houve uma tentativa de censura proferida pela Igreja Católica, a escola iria desfilas em um dos seus carros com a imagem de Nossa Senhora da Boa Esperança, o fato fez com que a escola desfilasse apenas com a silhueta da santa no sambódromo. Outro momento foi em 2004, no desfile da Grande Rio, que através de uma liminar da justiça teve que cobrir a imagem de Adão e Eva.

Outros momentos marcantes entre essa tensão se dão em 2005 e 2008. Em 2005, por conta de uma censura da Igreja, a escola de samba Beija Flor de Nilópolis teve que mudar uma parte do desfile, pois a Igreja não concordou com a forma que a escola iria representar Jesus Cristo. Em 2008, a Viradouro traria um carro alegórico sobre o Holocausto, após protesto da comunidade judaica, o carro foi substituído.

Além de toda essa tensão nos desfiles das escolas que trazem a religião em seu enredo, nota-se também que em outros casos quando as apresentações acontecem, elas possuem um papel educador e desmistificador em relação a construções de imaginários negativos sobre algumas religiões, principalmente as de matriz africana. A Grande Rio, campeã do carnaval de 2022, trouxe para a avenida, um enredo que Exu era o centro, possuindo um papel de desmistificar um imaginário racista que foi construído sobre a entidade.

As relações entre religião e carnaval se configuram fundamental para o público, pois levam aos debates sociais e políticos sobre temas atuais (Menezes e Bártolo, 2019). Neste sentido, a Beija Flor de Nilópolis em 2018, com o enredo “Monstro é aquele que não sabe amar. Os filhos abandonados da pátria que os pariu”, trouxe para avenida um tema pertinente para a sociedade brasileira, que foi a intolerância racial, de gênero e o religioso, que vamos abordar a seguir.

Como apontado nesse texto, a escola de samba Beija Flor de Nilópolis, possui uma tradição de levar desfiles com temáticas com críticas sociais para o carnaval, em 2018 não foi diferente, levando um samba que a crítica social apareceu em várias esferas. Ornel e Henning, (2020), trazem que o desfile da escola trouxe de uma forma bastante descontraída e animada, porém crítica e reflexiva sobre problemáticas sociais presentes na sociedade brasileira. Segundo os autores a narrativa do desfile ficou dividida em 5 setores: 01) A Introdução do Argumento – “Frankenstein ou o Prometeu Moderno”; 02) A Ambição e a Ganância; 03) O Abandono; 04) A Intolerância; 05) A Redenção.

A escola constrói em seu desfile momentos críticos, com a presença da religião. O primeiro momento que podendo perceber é na ala das baianas, segundo Menezes e Bártolo, (2019), a ala das baianas evidencia mais claramente a presença religiosa das escolas de samba. Como aponta a figura 2, a ala das baianas no desfile da Beijar Flor em 2018, nomeada de “santinhas do pau oco”, representam um momento marcante no Brasil colônia, em que se misturava religião e corrupção principalmente através das imagens para driblar os impostos da Coroa portuguesa sobre a circulação de mineiras no Brasil.

**Figura 2: Ala das baianas “santinhas do pau oco”.**



Fonte: <https://www.srzd.com/galerias/galeria-de-fotos-beija-flor-2018/#jp-carousel-326234>, 2018.

Outro momento está presente na ala “eu não entendo sua fé, a pobreza dos pedintes e os tempos de luxuria” que teve como objetivo trazer questionamento sobre a liberdade religiosa. A bateria da escola, que popularmente é conhecido como o coração dos desfiles, trazem uma referência ao malandro, uma linha de trabalho de entidades de Umbanda. No desfile, como como mostra a figura 3 é feito uma crítica, atrelado principalmente as vestimentas no malandro que apesar das grandes dificuldades encontradas no Brasil, eles continuam sempre elegantes.

Continuando o desfile, vê-se outros elementos atrelados a religião, os componentes da escola desfilaram vestidos de pastores evangélicos como mostra a figura 5, de Mãe de Santo e Padres como mostra a figura 4. Percebe-se que a escola buscou apresentar líderes e pessoas importantes de várias

religiões, aparecendo no desfile também líderes muçulmanos, esse movimento tem o objetivo de criar uma narrativa contra a intolerância religiosa.

**Figura 3: Bateria da Beija Flor.**



Fonte: <https://www.srzd.com/galerias/galeria-de-fotos-beija-flor-2018/#jp-carousel-326234>, 2018.

**Figura 4: Componentes da escola fantasiados de Padres e Mãe de Santo.**



Fonte: <https://www.srzd.com/galerias/galeria-de-fotos-beija-flor-2018/#jp-carousel-326234>, 2018.

**Figura 5: Componente da escola caracterizado de Pastor.**





Fonte: <https://www.srzd.com/galerias/galeria-de-fotos-beija-flor-2018/#jp-carousel-326234> , 2018.

Portanto, no desfile de 2018, dentro de várias críticas sociais, a escola buscou trazer um debate acerca da intolerância religiosa, tema muito pertinência no Brasil. Dessa forma, a escola conseguiu alcançar esse obtivo, demonstrando a presença de uma pluralidade religiosa no Brasil e que dentro desse contexto é possível respeitar e conviver com a religião do outro.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Procuramos demonstrar neste artigo que o carnaval e, sobretudo, o desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, é um momento que reflete contextos da sociedade brasileira, em específico buscamos analisar as representações religiosas no carnaval, que dentre as festividades através das representações magnificas nos carros alegóricos, também existe tensões causadas principalmente pelas religiões hegemônicas através de suas estruturas, em contrapartida a visão das religiões do povo.

Deste modo, o histórico de representações religiosas nos desfiles que trouxemos durante o texto, mostram que ainda existe uma forte influência das religiões hegemônicas (catolicismo e evangélica) nos desfiles das escolas de samba. Percebe-se que essa influência vai desde a proibição de desfiles de alguns carros, até a criação de um imaginário sobre outras religiões, como é o caso das concepções racistas sobre as religiões de matriz africana.

Portanto, o que observamos é que as escolas de samba do Rio de Janeiro, de forma crítica e cômica, possuem um histórico de desfiles que buscam confrontar essas ideias concebidas socialmente,

como nos desfiles exaltando elementos da Umbanda e em repúdio à intolerância e racismo religioso que ainda existem.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, R.; SILVA, V. G. da. Foi conta para todo canto: as religiões afro-brasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 34, 2006. DOI: 10.9771/aa.v0i34.21117. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21117>. Acesso em: 7 dez. 2022.

ANDRADE, Ana Maria de Souza. **SOB O SIGNO DA IMAGEM: A Produção da Fotografia e o Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX**. Tese apresentada ao curso de Mestrado em História da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre. Orientador: Rachel Soihet. Universidade Federal Fluminense Centro de Estudos Gerais Instituto de Ciências Humanas E Filosofia (UFF/CEG/ICHF). Niterói (RJ), Novembro 1990.

BOECHAT, Leandro Boechat. "MESMO PROIBIDO OLHAI POR NÓS": LIBERDADE DE EXPRESSÃO, CENSURA E RELIGIÃO NO CARNAVAL CARIOCA. **Policromias-Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, v. 5, n. 2, p. 819-832. 2020.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. **Revista de antropologia**, v. 45, p. 37-78, 2002.

CAVALCANTI, MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO. Ritual e mundo do samba. **Anuário Antropológico**, v. 3, n. 1, p. 377-383, 1979.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 349 p.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: rocco, 1984.

DAMASCENA, Luan Santos. **“Câmbio, Exu!”: uma análise do desfile da Grande Rio como voz no combate ao racismo religioso**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

JAGUARIBE, B. Imagens da multidão: carnaval e mídia. **E-Compós**, [S. l.], v. 16, n. 3, 2014. DOI: 10.30962/ec.942. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/942>. Acesso em: 21 nov. 2022.

LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. SOLTANDO O VERBO: RATOS E URUBUS, DIRETAMENTE O POVO ESCOLHIA O PRESIDENTE!. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, v. 7, n. 2, 2010.

MENEZES, Renata; BÁRTOLO, Lucas. Quando devoção e carnaval se encontram. **PROA: revista de antropologia e arte**, v. 1, n. 9, p. 96-121, 2019.

OLIVEIRA, J. L. d. PEQUENA HISTÓRIA DO CARNAVAL CARIOCA: DE SUAS ORIGENS AOS DIAS ATUAIS. **Encontros**, 10(18), 61-83. 2012.  
<http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/343/0>.

ORNEL, Aline Lourenço; HENNING, Ana Clara Correa. A promoção do direito social à educação decolonial pela escola de samba beija flor de Nilópolis no desfile de 2018: Crítica literária e social. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 3, p. 16196-16214, 2020.

ROCHA, José Geraldo; SILVA, Cristina da conceição. Traços da religiosidade africana no carnaval carioca. **Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 11, n. 29, p. 53-69, 2013.

RODRIGUES, Joe William Costa; RABELO, Daniela A. Beija-flor, "Ratos e urubus... Larguem a minha fantasia", 1989: análise de conteúdo de publicações do Jornal O Globo<sup>1</sup>. **Intercom**, 2019.

SILVA, A. P. S. . Da Rua ao Baile: uma análise sobre o Carnaval carioca através das imagens de Marcel Gautherot. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, v. 2, n. 51, p. 259 a 281-259 a 281.2022.

SOIHET, R. Reflexões sobre o carnaval na historiografia: algumas abordagens. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, n. 7, 1999.

VAZ, Angela Omati Aguiar; PRATES, Eliane Guimarães de Campos. A Influência da Idade Média em nossos dias: Cultura, representações e festividades. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico**, p. 1-10, 2016.